

248 – Os navios de Calígula

Calígula foi um imperador romano que nasceu em 31 de agosto do ano 12 d.C. e morreu assassinado pela guarda pretoriana em 24 de janeiro de 41 d.C.

Calígula foi filho do célebre general romano Germanicus, que derrotou os germanos após a derrota fragorosa do general romano Varos. Varos tinha perdido cerca de 80 mil homens na Germânia, caindo na cilada dos germanos, pois não ouviu os conselhos do imperador Cesar Augusto que dizia sempre: Ó varo, devolva-me as minhas legiões! e dizia, também: De que valem os conselhos, se não me ouvem?

Tive a oportunidade de visitar, na Alemanha, o local onde as legiões de Varo foram massacradas.

Germanicus ficou tão importante para os romanos, pois vingou a derrota de Varos, que o imperador Tibério mandou envenená-lo. Para recordar, foi Tibério quem ajudou Cesar Augusto na batalha de Roma a Marco Antonio e Cleópatra.

Tibério adotou Calígula como seu filho. Calígula participava das orgias de Tibério na ilha de Capri, na Itália, durante 6 anos. As orgias de Tibério são muito contadas e origem de muitos filmes. Tive a oportunidade de visitar a belíssima Ilha de Capri e de ver as águas azuis em uma enorme gruta.

Quem conhece Roma fica curioso com o Obelisco do Vaticano que foi trazido do Egito por Calígula. Foram construídas estradas e um porto em Ostia.

O obelisco veio do Egito em um Navio Gigante com comprimento de 104 m e 20,3 m de largura, com um deslocamento de 7.400 toneladas.

Após o transporte, no porto de Ostia, Calígula mandou fazer um farol semelhante ao Farol de Alexandria, sendo que até existe alguma lembrança do mesmo.

Calígula era tão louco que declarou guerra ao Rei Netuno, rei do mar, pondo em prontidão suas tropas.

Era bissexual e cometia incesto com sua irmã Drusília. Consta na história que ela estava grávida de um filho do irmão e ele, com uma espada, arrancou o filho da barriga da irmã e mostrou a todos. Depois, transformou sua irmã em uma Deusa.

Calígula adorava a Deusa Diana e como o templo dela ficava junto ao lago Nemi, que distava 45 km de Roma, mandou fazer dois barcos enormes imitando os egípcios. No

culto à Diana havia violência, sacrifício e rituais de sexo, que era tudo de que Calígula gostava.

Usando técnica do chamado método de Vitruvius, mandou construir os dois navios pelos engenheiros navais romanos.

Vitruvius foi um grande arquiteto romano que nasceu em 80 a.C. e morreu em 15 d.C. Serviu como engenheiro junto a Júlio Cesar durante as campanhas militares na Gália. Escreveu o famoso livro “Da arquitetura”, o qual tive a oportunidade de ler.

O primeiro barco gigante, para a época, tinha 70 m de comprimento por 20 m de largura e o segundo tinha 73 m de comprimento.

A ideia de Calígula era que a plataforma dos navios se assemelhasse a um palácio egípcio.

Era aproveitada a água de chuva que ficava armazenada em um reservatório e depois era pressurizada e distribuída por toda a embarcação com tubos de chumbo. Havia torneiras de cobre com regulação de vazão, muito semelhantes às torneiras hoje existentes.

A estátua de Diana ficava sobre bolas de cobre e ficava girando.

As ancoras eram feitas de madeira e cobre e madeira e ferro, para serem leves e de fácil manuseio.

Havia um sistema de bombas manuais, para esvaziamento de água do porão e, por incrível que pareça, até uma bomba de pistão bem sofisticada e moderna.

Logo depois que Calígula foi assassinado, os dois navios do Lago Nemi foram afundados.

Mussolini, sabendo da existência dos dois barcos, quis retirá-los da água e mandou que bombeassem a água do lago, para que o mesmo fosse esvaziado. Os navios estavam 140 m próximos um do outro e a 20 m de profundidade.

Cerca de 31 milhões de metros cúbicos de água foram bombeados através da montanha, dentro de um túnel escavado pelos romanos, caindo em um outro lago. Deste outro lago, ela caía no mar.

Em outubro de 1932, os navios foram arrastados e Mussolini mandou fazer dois enormes galpões para visita, a fim de mostrar a grandiosidade de Roma.

Em 28 de maio de 1944, durante a segunda guerra, os alemães estiveram lá perto e, não se tem certeza, eles atearam fogo aos dois navios, para facilitar sua fuga enquanto os aliados tentassem apagar o incêndio. Os alemães, até hoje, culpam os aliados e os aliados, por sua vez, culpam os alemães. A verdadeira história do incêndio ninguém sabe.

Guarulhos, 08 de outubro de 2016.

Engenheiro Plinio Tomaz